

Miguel Angelo Ribeiro
Ulisses da Silva Fernandes

Transitoriedades de gênero

A geografia e o teatro frente a uma questão de identidade em BR-Trans

Resumo

Este artigo tem por preocupação o intuito de articular Teatro e Geografia como expressão das relações socioespaciais - articulação, por sinal, ainda pouco explorada na ciência geográfica. Outro ponto importante a ser analisado diz respeito à identidade de gênero, tratada por Silvero Pereira em BR-Trans, procurando articular o Teatro e a Geografia a partir da identidade de gênero e o espaço-lugar-vivido das travestis.

Teatro

Geografia

Identidade

Gênero

BR-Trans

Abstract

This article has the intention of articulating Theater and Geography as an expression of socio-spatial relations. By the way, this articulation is still very little explored in geographic science. Another important point to be analyzed concerns the gender identity, considered by Silvero Pereira in his BR-Trans, trying to articulate Theater and Geography from the gender identity and the space-place-lived of the transvestites.

Theater

Geography

Identity

Gender

BR-Trans

*Quem lhe deu a verdade absoluta?
Não há nada absoluto. Tudo se trans-
forma, tudo se move, tudo revoluciona,
tudo voa e vai.*

Frida Kahlo

Na peça teatral *BR-Trans*, vemos, em acordo com o prefácio de Jean Wyllys na versão em livro da peça homóloga (PEREIRA, 2016a), uma clara alusão à transitoriedade entre o espaço absoluto e o espaço relativo através do discurso teatral. Como nos relata o comunicólogo, a alusão a uma *BR-Trans* pode tanto remeter a uma indevida analogia com “uma rodovia; lugar de trânsito, de deslocamento”, mas também, e fundamentalmente, aludir a uma metáfora que problematize “a condição de quem partiu, mas ainda não chegou; de quem se deslocou deliberadamente de um lugar em direção a outro, mas ainda está no caminho, no trânsito; de quem deixou um ethos, mas ainda está sem abrigo” (PEREIRA, 2016a, p. 7).

A transitoriedade advém da inter-relação entre aquilo que poderia ser tratado como um espaço absoluto (HARTSHORNE, 1978), mas que essencialmente se expressa na forma de um espaço vivido (FRÉMONT, 1980).

Nesse contexto, passemos a discutir a trajetória de vida do autor/ator e as transitoriedades de gênero e identidade, articulando Geografia e Teatro.

A GEOGRAFIA E O TEATRO EM BR-TRANS

A trajetória de vida do autor-ator Pereira, idealizador da peça teatral *BR-Trans*, traz as marcas de suas primeiras vivências quando criança e adolescente, mas também aquelas outras advindas ao longo de sua formação como ator, bem como em impressões recolhidas ao longo de seus projetos e trabalhos desenvolvidos em várias cidades nordestinas, mas especialmente no Rio Grande do Sul. Em entrevista com Silvero Pereira (2016b), temos este depoimento:

Eu acho que todo o meu trabalho hoje é um reflexo da minha experiência de vida até os meus treze anos (...) em Mombaça [cidade dos Sertões Cearenses]. Tem dois episódios muito importantes na minha vida com relação à homoafetividade e à transexualidade, que é a existência da primeira travesti que eu vi na vida, a Barbosinha, que ainda hoje mora em Mombaça. A Barbosinha era uma espécie de lenda urbana para mim porque quando criança eu [e meus colegas] sabia da existência

da Barbosinha, mas a gente não podia se aproximar dela, porque todos os comentários que se tinha eram de que a Barbosinha era uma espécie de doença, e que se as pessoas se aproximassem dela iriam pegar a sua doença, iriam virar travesti. Então, na cabeça da criança, esse monstro que foi criado [dizia respeito ao] medo de se transformar em um [novo] travesti na cidade. A outra experiência é de dentro da escola. Eu tive um colega que era o Ebraim [nome fictício atribuído pelos entrevistadores] e ele era muito afeminado. E nós éramos muito amigos durante o primeiro semestre, mas ele começou a sofrer *bullying*. E aí, com medo de que esse *bullying* respingasse em mim e eu também me tornasse isolado, eu ignorei o Ebraim e inclusive me tornei amigo dos meninos e passei também a fazer *bullying* com o Ebraim (...). Então, essas duas experiências me levaram a ter até hoje uma espécie de dívida pessoal, de vergonha, de constrangimento, enfim, de não coragem em ter lutado, de ter assumido. Mas também é claro que eu tenho isso resolvido em mim, porque eu era uma criança de dez, doze anos sem muita experiência de vida (...). E talvez hoje o meu trabalho se resuma a isso, e que inconscientemente eu ainda pague essa dívida por tudo isso que eu passei na infância e que hoje eu ainda me sinta obrigado a lutar por isso.

Na verdade, se pode observar também uma transitoriedade entre o masculino e o feminino, sem a identidade de gênero imposta pela sociedade, na qual homem e mulher têm papéis extremamente diferenciados. Aqui há uma identidade híbrida, sem amarras impostas, como aponta matéria da revista *Rio Show* (O Globo, 2016, p.18): “pode homem usar batom, saia e salto, mulher se despir de tudo isso, gay, lésbica, drag queen, transexual e queer conviverem numa boa”.

Essa transitoriedade tem apoio na Geografia, que enxerga as subjetividades na perspectiva do espaço, visto que o mesmo não pode mais ser encarado tão somente como um absoluto, tal qual indicava Hartshorne em sua obra de 1939, ‘A Natureza da Geografia’ (CASTRO; MARQUES, 2005). Como nos mostra Roberto Lobato Corrêa (1995), o espaço hartshorniano é absoluto, sendo constituído por um conjunto de pontos interconectados entre si. Também é verdade que muita dessa atual subjetividade na Geografia se vale das metáforas, tal qual Silvero Pereira (2016a) as usa em sua obra, fundamentalmente aquela que se expressa sobre o palco. Horacio Capel (2002), tendo como suporte as ideias de Anne Buttimer (1982), nos dá o embasamento desse preceito:

As metáforas têm sido muito usadas na geografia. Remetem ao remoto pelo intermediário, ao abstrato pelo concreto, ao complexo pelo simples, ao

desconhecido pelo familiar. Na realidade, em uma ciência que se há definido como ciência comparada, a metáfora é essencial no conhecimento geográfico (CAPEL, 2002, p. 46).

Ora, se podemos entender a relatividade da análise espacial na atualidade, se podemos assimilar o uso da metáfora como fonte da abordagem do conhecimento geográfico, por que não podemos fazer a ponte entre a realidade crua da vivência pessoal de Silvero Pereira, considerando um espaço absoluto, e a realidade ficcional da transitoriedade do gênero exposta em cena pelo mesmo autor-ator? Sendo assim, o presente artigo, mesmo carregando um tom de ensaio, objetiva desvelar a transitoriedade do gênero conectada à questão da identidade, sob o prisma da relação espaço absoluto-espaço relativo. Subjacente a essa necessidade primeira, também existe a busca por estabelecer conexões mais contundentes entre a Geografia, ciência das metáforas, com o Teatro, metáfora do espaço geográfico.

O texto de Silvero Pereira (2016a) aborda diferentes histórias, relatos de vida, perpassando identidades espaciais/subjetivas associadas ao medo/violência, jogo, sonhos, esperança, entrelaçadas pela memória. Retomando a reportagem da revista *Rio Show* (O Globo, 2016, p.21), *BR-Trans* “não quer repetir e fortalecer a imagem caricatural de travesti como a prostituta que vive nas ruas, mas, sim, seus lugares de superação” e experiências/vivências do cotidiano.

Advoga-se o entendimento de que a presente proposta de abordagem não busca, de modo algum, encetar-se pelas veredas impermeáveis da Geografia Cultural. Existe a clareza sobre a discussão exposta: há uma gama de relações entrepostas em toda e qualquer análise socioespacial, onde espaço pode assumir a condição de lugar quando se trata das questões de identidade. Observa-se que propositalmente se faz alusão a um espaço absoluto, hartshorniano, pois esse defende uma lógica de interconexão. Por outro lado, há muito o conceito de espaço geográfico fluiu, transbordou e assimilou contemplações outras. O próprio David Harvey já nos demonstrou isso:

Quando, por exemplo, referimo-nos ao espaço “material”, “metafórico”, “liminar”, “pessoal”, “social” ou “psíquico” (usando somente alguns exemplos), indicamos uma variedade de contextos que, assim, contribuem para construir o significado de espaço contingente segundo esses contextos. De forma similar, quando construímos expressões como espaços do medo, do jogo, da cosmologia, dos sonhos, da raiva, da física das partículas, do capital, da tensão geopolítica, de esperança, da me-

mória ou da interação ecológica (mais uma vez, somente para indicar alguns dos desdobramentos aparentemente infinitos do termo), os domínios de aplicação são tão particulares que tornam impossível qualquer definição genérica de espaço (HARVEY, 2012, p. 8).

O espaço absoluto, na verdade uma grande metáfora descabida, enceta o princípio da discussão que ora se expressa. Silvero Pereira (2016a) trouxe do seu espaço vivido, tal qual em Frémont (1980), um transborde de emoções calcadas nas suas experiências, nos seus caminhos traçados Brasil adentro, desde quando se moveu de sua cidade natal, Mombaça, nos Sertões Cearenses, até se estabelecer em palcos dos mais conceituados no meio teatral, como na cidade do Rio de Janeiro. Mas há quem não enxergue a relatividade desse caminhar de Silvero Pereira, razão pela qual o que é dito por Jean Wyllys no prefácio do livro em discussão enseja a oportunidade de reinserir a ideia do espaço absoluto, nesse caso, como aquele que trafega entre a condição de espaço das relações formais e a de paisagem empírica. Há aqueles que não vislumbram nada além do caminho de um indivíduo por entre as BRs brasileiras; há aqueles que não são sensíveis o suficiente para perceber o quanto esses caminhos traçados pelo autor-ator foram capazes de forjar a sua identidade de gênero transbordante. O quanto de vivência experimentou Silvero Pereira no seu espaço vivido é o que lhe permitiu relativizar sobre os palcos a sua constante mutação.

Em outro fragmento do depoimento dado por Silvero Pereira (2016b), vemos o quanto de ficção, o quanto de documento e o quanto de vivência própria se amalgamaram na construção do seu espetáculo:

O BR, para mim, é uma síntese desse trabalho e é uma síntese física. Consigo “fiscalizar” no espetáculo inteiro o que eu passei nesse projeto todo. A Gisele surge para mim em 2002 através do solo *Uma Flor de Dama* como uma personagem. Ela é uma personagem bem definida, que parte de uma ficção do Caio Fernando Abreu, do conto *Dama da Noite*. Quando eu transformei isso em espetáculo, eu comeci a conviver com algumas meninas. Dessa convivência eu comeci a puxar histórias delas e usar o conto do Caio como esponja para interpolar essas histórias. Aí começa o meu primeiro processo de dramaturgia entre ficção e realidade. E o meu processo investigativo de criação sempre foi um processo de nunca ter que registrar as meninas através do vídeo ou através da voz. Foi muito o que eu chamo de um processo epidérmico: qual era a experiência que eu tinha na noite com elas; dessa experiência o que eu consegui absorver naquele exato momento e depois, no dia seguinte,

na sala de ensaio, como eu conseguia resgatar isso na minha memória para fazer com que isso se tornasse orgânico e que a plateia agora passasse a ser o Silvero diante daquela mesma sensação que eu tive. Esse era o meu grande objetivo, fazer com que a plateia se comovesse (...). Como fazer para que eu agora vire essa menina e a plateia vire o Silvero. (...) Já no *Flor de Dama* eu achava injusto expor as meninas e não me expor. Parece que eu estava a salvo desse lugar e, então, resolvi me colocar no mesmo pé de igualdade. Eu resolvi colocar as histórias das meninas e interferir com algumas histórias reais minhas (...).

Os espaços cotidianos dificultam as ações dos sujeitos, como os dramatizados no palco, bem como suas expressões sexuais, alimentando uma supremacia espacial da sexualidade heterossexual. São espaços (hetero)sexualizados elaborados segundo a configuração de que a heterossexualidade é a sexualidade dominante no Ocidente, como apontou Valentine (1993 *apud* HANKE, 2016, p.27). Portanto, tal como nos espaços nos quais a heterossexualidade prevalece, esse também comporta os sujeitos apresentados por Silvero Pereira, em sua *BR-Trans*, verdadeiros estranhos/esquisitos (*queers*), para os quais o medo e a violência são elementos marcantes, pois tais sujeitos estão em constante estado de alerta e vivendo situações de desconforto.

Esses espaços são complexos, pois as práticas regulatórias heteronormativas são resultantes de uma linearidade entre gênero, sexo e desejo (BUTLER, 1999), impregnadas de transformações e variedades de relações sociais, as quais compõem esses espaços (MASSEY, 2008). Pensar como os espaços compõem as vivências cotidianas de travestis e transexuais narrados por Silvero, e apropriando-se

de Hanke (2016, p.15), para “compreendê-los não enquanto meros receptáculos, mas como produtores e reprodutores destas situações de opressão ao alívio”. Esses espaços estão associados não somente a partir dessas relações, mas também das vivências e experiências dos sujeitos citados em contextos espaço-temporais nos quais, como aponta De Carli em Pereira (2016a), “seguem os assassinatos, as humilhações, a falta de trabalho, o desamor, a solidão, o preconceito e a violência”. Desse modo, o espaço pode ser imaginado como uma “simultaneidade de histórias até agora” (MASSEY, 2008), no qual, como visto na referida representação/texto de Silvero Pereira, e em paralelo com o pensamento de Hanke (2016, p.45), “os sujeitos, ao contar suas histórias, relatam as simultaneidades de histórias que são construídas e reconstruídas sobre as homossexualidades”, fugindo às regras da heteronormatividade da sociedade em que se vive,

Ministério da Cultura apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina

BR-TRANS

com SILVERO PEREIRA
direção JEZEBEL DE CARLI

Teatro III do CCBB
Rua Primeiro de Março, 66
Centro - RJ Cep 20010-000

Tel. (21) 3808-2020
bb.com.br/cultura
twitter.com/ccbb_rj
facebook.com/ccbb.rj

SAC 0800 729 0722 - Ouvidoria BB 0800 729 8878 -
Defensoria Pública do Rio de Janeiro 0800 729 0099
"Nos termos da Portaria SJP/3, de 25.09.2013,
do Ministério da Justiça, informamos que o
Atos de Funcionamento deste CCBB tem
número 489056, de 03/01/2001, em vigorimento."

16

06 agosto a
06 setembro 2015
Quarta a segunda, às 19h30
Ingressos: R\$ 10,00 (inteira)

Produção

Coletivo As Travestidas

Quintal produções

Realização

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

na qual a norma binária homem-mulher é aquela predominante (VALENTINE, 1993).

Quando, em dado momento da peça teatral, a personagem criada por Pereira, *Gisele*, lê o que seria a carta de saudades de sua mãe, expõe essa questão da vivência afetiva que ao mesmo tempo separa e une a personagem amaldiçoada por sua questão de gênero na sua vida primeira, no contato com a família, no contato com a mãe. A referência direta é Armand Frémont (1980, p. 50): “nas relações que unem os homens aos lugares, o espaço familiar, o que alimenta, protege e tranquiliza não seria para sempre o da mãe, e todo o passo fora de seus caminhos a aventura?”

A aventura da personagem não é nada mais nada menos do que a sua própria necessidade de escapar das condições adversas impostas por sua expressão de gênero ou, na verdade, na sua construção de gênero. A fuga se deu em razão daquilo tão comum à experiência vivida pelas travestis, transgêneros, gays, lésbicas etc.: a mesma família que protege é a mesma que muitas vezes interpõe limites formais de existência ao indivíduo frente ao lugar em que vive – tenha sido Silvero Pereira, sexo masculino na sua certidão de nascimento ou tenha sido *Gisele Almodóvar*, indivíduo-fantasia tendo por progenitores Pedro Almodóvar e Gisele Bündchen (PEREIRA, 2016a). O fato é que a construção do gênero, a construção da identidade de cada indivíduo carrega as marcas do espaço-vivido, do espaço-lugar.

E, sobretudo, esse mesmo espaço-lugar pioneiro não é suficiente para a existência desse ser transbordante e daí talvez a fuga – pelo medo do que lhe impõe a condição de obrigar-se fiel ao seu gênero de batismo – ou o voo, como o *flâneur baudelairiano*, aquilo advindo de uma necessidade intrínseca de quem questiona valores prepostos: preciso ir por aí, descobrir o mundo, me construir entendendo o outro que habita lugares diversos e, fundamentalmente, o outro que me habita. A cidade que não é minha surge como necessidade imperiosa de autoconhecimento, pois preciso chegar aos meus similares, aos meus iguais e nada melhor do que a condição do *flâneur* para tal empreitada. Por outro lado, nesses meus múltiplos caminhos, nessas diversas cidades nas quais venho a habitar eu passo a não ser nada, pois “a cidade é o templo do *flâneur*, o espaço sagrado de suas perambulações. Nela (...) se depara com



sua contradição: unidade na multiplicidade, tensão na indiferença, sentir-se sozinho em meio a seus semelhantes” (MASSAGLI, 2008, p. 56).

Em assim sendo, a relativização da leitura do espaço vem do açambarcamento desse conceito por outro, que é o de lugar. A relativização do espaço que sai de uma base concreta, absoluta, em aparência hartshorniana, mas pulsante nesse relativo que agrega todas as possíveis múltiplas dimensões já expostas em Harvey (2012). Nada mais pertinente, então, do que evocar Yi-Fu Tuan, com uma de suas obras emblemáticas, *Scapism* (1998), a costurar essa relação entre espaço e lugar. Da resenha de Joan Nogué (2005), referente ao livro supracitado, destacamos:

Tuan continua em *Scapism* empenhado em tentar compreender como os seres humanos estão relacionados com o seu entorno, como eles criam lugares e imbuem de significado o espaço geográfico, como se gera o sentido do lugar e como se resolve a tensão dialética entre natureza e cultura, todas essas questões fundamentais e que têm preocupado o geógrafo ao longo de sua carreira (NOGUÉ, 2005, p. 170).

A par disso, não se deve esquecer que a base da obra do geógrafo sino-americano foi constituída sob a égide da correlação entre os dois conceitos. A tese doutoral de Letícia Pádua (2013) – *A Geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências* – mostra essa cumplicidade entre os dois conceitos, tão marcante na obra do supracitado. A autora faz referência à célebre frase de Tuan (1983, p. 3): “o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e

desejamos o outro”.

Nas considerações sobre as possibilidades de interação entre espaço e lugar, também se torna imperioso o pensamento de Edward Soja (2012), em sua obra *Thirdspace*. Em uma conferência no VI Encontro de Geógrafos de América Latina, em 1997, o geógrafo norte-americano ressalta suas considerações sobre o que propõe enquanto uma terceira dimensão ou apreciação do espaço à luz da Geografia:

Esta nova concepção espacial pode chegar a ser esse elemento aglutinante dos distintos termos que estavam faltando: essa nova consciência centrada no espaço vivido. Nosso espaço vivido está modelado, dominado pela política e cultura, e a dominação e opressão que exercem sobre nós mesmos. Então, esta é uma nova forma de subjetividade. Desta maneira, os estudiosos estão abrindo um terceiro reino da ação política radicalizada, centrada e localizada na produção social do espaço vivido (SOJA, 1997, p. 76).

O arrazoado até aqui defendido nos leva a crer na possibilidade da conexão dos questionamentos intrínsecos à realização deste artigo. Do conceito de espaço absoluto hartshorniano ao *thirdspace* de Edward Soja (2012) vai uma grande distância, não apenas quantitativa, mas também qualitativa. O espaço vivido ou o espaço-lugar, seja em Tuan (1998), seja em Soja (2012), nos dão o chão necessário ao entendimento de uma trajetória de vida-ficção presente no texto de Silvero Pereira. O sair do lugar que guardava um misto de proteção e opressão levou à busca da liberdade expressa no espaço. As vivências do autor-ator ao longo de sua trajetória de vida, de sua trajetória profissional, inclusive, permitem ao mesmo tempo configurar a inter-relação entre os dois conceitos – espaço e lugar – na ponte entre o real e a ficção, melhor ainda, entre o seu curso pelas BRs, as cidades onde aportou e a sua chegada aos palcos, desnudando suas indagações sobre o gênero, as que construiu ao longo de sua trajetória de vida.

Reforçamos, pois, o que nos é mister questionar: quais caminhos, quais lugares vivenciou o autor-ator Silvero Pereira para transpor deste espaço absoluto, quase inerte na referência ao seu entendimento de mundo vivido, uma personagem-indivíduo nele construído para o espaço relativizado dos palcos teatrais? Em somatório a esse questionamento, como expressar uma relação entre espaço absoluto e espaço relativo a partir da conjugação entre Teatro e Geografia? E, por fim, mas não em menor grau de importância, como o espaço-lugar, o espaço-vivido influenciou a criação identitária de gênero na personagem *Gisele*

Almodóvar de Silvero Pereira, bem como conseguiu o mesmo transpor para o palco a sua personagem, misto de realidade e ficção?

Este artigo expressa algumas de nossas preocupações acadêmicas: de um lado, a necessidade de buscar o Teatro como meio de expressão das relações socioespaciais, algo tão caro à Geografia, mas ainda muito pouco explorado; e de outro lado, a questão marcante da identidade de gênero, sendo o texto de Silvero Pereira um elemento vital nessa possibilidade de amalgamar as duas discussões em tela: o Teatro e a Geografia; a identidade de gênero e o espaço-lugar-vivido.

Operacionalmente, o resgate de fontes secundárias que promovessem a necessária revisão bibliográfica das temáticas em confluência eleitas para o artigo foi ação primária. Posteriormente, o que podemos marcar enquanto trabalho de campo, em verdade, foi a oportunidade de assistir quatro vezes a peça *BR-Trans* de Silvero Pereira. E, por fim, a possibilidade ímpar de ter acesso ao texto da peça – como já visto antes, publicado na forma de livro –, como, fundamentalmente, poder entrevistar o próprio autor-ator para o melhor entendimento da trajetória de vida que levou à produção desse misto de ficção e realidade presente nos palcos cariocas desde o ano de 2015. À guisa de entendimento prévio, a peça *BR-Trans* esteve em cartaz no Rio de Janeiro, no ano de 2015, no Teatro III do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), como parte da programação de uma mostra de teatro relacionada às questões de gênero. No ano de 2016, o espetáculo retornou aos palcos cariocas para uma temporada no Teatro Poeira.

A partir dessas breves reflexões, nos apropriamos de Rose (1993) ao propor pensar o espaço paradoxal, no qual os sujeitos são vistos enquanto vivendo uma multiplicidade de experiências e diferentes identidades, além de posicionamentos nas relações sociais pelos diferentes espaços nos quais há uma transitoriedade entre os papéis masculino e feminino, provocando processos de desterritorialização e reterritorialização, confronto e aceitação, dispersão e fragmentação, afirmando que o espaço é multidimensional e paradoxal. Por fim, citando Louro (2008 *apud* HANKE, 2016, p.46), em “um corpo estranho, dependendo das marcas que carregamos no corpo, podemos ser incluídos ou excluídos de determinados espaços, sendo aceitos, tolerados ou rejeitados”.

PARA NÃO CONCLUIR

Esperamos que as considerações tratadas neste texto possam contribuir para o melhor entendimento

das questões de gênero, fruto do espaço vivido, das relações socioespaciais, muitas vezes perversas por condicionar a existência dos gêneros a um formato padrão indevido nestes tempos hodiernos. A história da personagem criada por Silvero Pereira, carregada na sua esquizofrenia, é, na verdade, um libelo contra a homofobia, construído a partir da geografia de muitas vidas que se constituem em uma, que é essa filha de Pedro Almodóvar e Gisele Bündchen: *Gisele Almodóvar*.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **El género em disputa**: el feminismo e la subversión de la identidad. Barcelona: Paidós, 1999.
- BUTTNER, Anne. **Sociedad y médío em la tradición geográfica francesa**. Barcelona: Oikos-Tau, 1980.
- CAPEL, Horacio. **Borges y la geografía del siglo XXI**. San Juan, Argentina: Universidad Nacional de San Juan – Effha, 2002.
- CASTRO, Cláudio; MARQUES, Ana Rosa. Espaço, um conceito histórico: desdobramentos da evolução do pensamento, da Escola Alemã à década de 1950. **Revista Outros Tempos**. São Luís, v. 2, pp. 81-87, 2005.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná et alli. **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- FRÉMONT, Armand. **Região, espaço vivido**. Coimbra: Almedina, 1980.
- HANKE, Willian. **Espaço, interseccionalidades e vivência cotidiana gay na cidade de Ponta Grossa**. 2016. 227f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa. 2016.
- HARTSHORNE, Richard. **Propósitos e natureza da geografia**. Trad. Thomaz N. Neto, 2.ed. São Paulo: Edusp-Hucitec, 1978.
- HARVEY, David. O Espaço como palavra-chave. **GEOgraphia**. Niterói, V. 14, N. 28, pp. 8-39, 2012.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MASSAGLI, Sérgio Roberto. Homem da multidão e o flâneur no conto “O homem da multidão” de Edgar Allan Poe. **Terra Roxa e outras Terras – Revista de Estudos Literários**. Londrina, V. 12, pp. 55-65, jun. 2008.
- MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- NOGUÉ, Joan. Ressenyes – Tuan, Yi-Fu. Escapismo. Formas de Evasión em el Mundo Actual. **Documents d’Anàlisi Geogràfica**. Barcelona, N. 45, pp. 169-171, 2005.
- PÁDUA, Letícia Carolina Teixeira. **A geografia de Yi-Fu Tuan**: essências e persistências. 2013. 208f. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia Física. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013.
- PEREIRA, Silvero. **BR-Trans**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2016a.
- _____. Entrevista concedida a Miguel Angelo Ribeiro e Ulisses Fernandes. Rio de Janeiro: Teatro Poeira, 2016b.
- O GLOBO. Rio de Janeiro, 08 de julho de 2016. Caderno Rio-Show, pp. 18-21.
- ROSE, Gillian. **Feminism & geography**: the limits of geographical knowledge. Cambridge: Polity Press, 1993.
- SOJA, Edward. Conferencia: El tercer espacio. ampliando el horizonte de la imaginación geográfica. **Geographikós**. Buenos Aires, N. 8, pp. 71-76, 2º semestre de 1997.
- _____. **Thirdspace**: journeys to los angeles and others real-and-imagined places. Malden (E.U.A.), Oxford (R.U.) e Carlton (Austrália): Blackwell Publishing, 2012.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.
- _____. **Scapism**. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1998.
- VALENTINE, Gil. (Hetero)sexing space: lesbian perceptions and experiences of everyday space. **Environment and Planning D: Society and Space**. School of Geography, University of Manchester, Manchester, V.11, nº4. pp. 395-413, 1993. ■

*Para Joseli Maria Silva e Silvero Pereira,
com carinho.*

Miguel Angelo Ribeiro é professor associado do Instituto de Geografia/UERJ e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia.
mamikisi@gmail.com

Ulisses da Silva Fernandes é professor adjunto do Instituto de Geografia/UERJ e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Geografia.
udsfernandes@gmail.com